

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e collaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 38

BRAGA

SABBADO 14 DE OUTUBRO DE 1882

CARTA-MANIFESTO D'EL-REI O SENHOR D. MIGUEL II

«Meu caro conde da Redinha.—Chega-me agora mesmo a Nação de 21, e já havia recebido telegrammas, que me tinham sido hem gratos, com as noticias e narrativa da commemoração do meu anniversario, ali e em outras localidades do nosso Portugal.

«Tudo me vai ao fundo d'alma e me leva a não demorar um momento a expressão dos meus sentimentos, que são os da gratidão, da dedicação e do amor que um animo verdadeiramente real, na significação mais generosa da palavra, pôde abrigar. Sobretudo o que mais preso na manifestação do amor de portuguezes ás suas tradições é a legitima representação d'ellas; é o espirito de abnegação, de concordia de fraternidade nacional, que tendem e aspiram a fazer de todos os portuguezes uma só familia, onde se tolem até as opiniões divergentes, mas concordes no grande empenho de conseguir o bem commum; é a declaração de principios que levam o paiz a reatar o fio das tradições do passado aos progressos e melhoramentos do presente, preparando assim, a contento de todos, até dos divergentes um futuro proveitoso e glorioso.

«Uma situação logica e honesta conseguiria isso por certo. Essa situação só ao paiz a pode dar a monarchia tradicional. E se o principio que eu represento é indispensavel ao grande empenho, mercê de Deus, sinto-me com vontade decidida de cumprir com o meu dever, livre de todo o sentimento repulsivo, ambicioso só da sympathia de todos, crente em que Portugal é assaz grande para abrigar todos os seus filhos, que todos serão poncos, se formos além-mar lançar os solidos e largos fundamentos ao nosso imperio africano tão lamentavelmente descurado.

«Para levar por diante a grande obra, a obra necessaria, é evidente não haver ali nem intelligencias, nem actividades, nem energias indispensaveis. O que é preciso é desanuviar a situação moral, regular a situação financeira e propôr á nação o alto fim que lhe apontam as suas tradições.

«Tais são os sentimentos que se levantam em meu espirito: ao contemplar o quadro d'essa manifestação tão patriótica como esperancosa, esperancosa como a mocidade que a iniciou, a cuja palavra eu respondo com o coração agradecido, com a palavra animadora e com um aperto de mão, portugueza de lei.

«Transmitti pois, caro conde, estes meus sentimentos aos amigos de Lisboa, de Braga, da Covilhã e dos outros pontos do paiz, não esquecendo esses bons e fieis operarios

que, leio, fraternisaram com seus irmãos das outras classes sociaes.

«O tempo urge e portanto acabo, caro conde, por vos exprimir os votos de que Deus vos haja em sua santa guarda.

«Bronnbach, 25 de setembro de 1882.

D. Miguel de Bragança.»

Fallou o Rei! Do alto da sua grandeza, a palavra sympathica do homem, o grito redemptor do Rei repercutiu em todos os peitos portuguezes como um brado da Providencia.

Penetra como um remorso no coração dos precitos, e como um balsamo na alma de uma geração crente!

Fallou o Rei! A patria lhe responde em uma aspiração nobre.

Aquella palavra é a solução de um povo pela solução de um seculo.

Erguem-se os velhos idolos do coração portuguez — a religião — a honra a gloria — e o patriotismo!

Levantados por aquelle herculeo braço, serve-lhes de pedestal a sã virilidade de uma nação.

Chegou o Rei! Entre nós está! Elle! na luz que derrama. Elle! na esperança que nos avigora. Elle! no amor que nos paga. Elle! nas concepções grandiosas de uma existencia predestinada!

Que nos trazeis Senhor, preso á voz inspirada, seguro á vossa palavra de Rei?

Gratidão pela dedicação e pelo amor d'este povo que confia? Ah! Senhor da religião da patria este amor é dogma, esta dedicação é fé.

Vindes propôr á nação o alto fim que lhe apontam as suas tradições?

Bem sabemos, Senhor que não era para as vossas mãos impollutas enfeudar o direito popular, confiscando acção imprescriptivel das conquistas do porvir. Representaes uma tradição que teve patria entre este povo. Estendeis-lhe a mão portugueza de lei para que vol-a aperte, elle a beija prostrado ante o seu libertador.

O espirito de abnegação, de concordia, de fraternidade nacional, ha-de reatar o fio das tradições do passado aos progressos do presente e preparar um futuro proveitoso e glorioso.

O Rei o diz, e assim será! É justo que o futuro feche a era das grandes catastrophes, das ruidosas crises sociaes, que o seculo abriu á ponta de punhal.

Se a revolução foi uma vocação perdida, vós sois um pharol, que á náu sem rumo indica o porto de salvamento.

A revolução nasceu em noite de sangue, vós vindes em uma aurora de paz.

Vindes isempto das repulsões que gelam crenças, e trazeis a decisão de um dever que vivifica e redime.

Não careceis pedir a peregrinos exercitos que vos rasguem caminho entre o povo portuguez. Não careceis demandar praias solitarias, pedindo ás aréas que escondam o

rumor surdo de tímidos passos, nem fantasiar um povo e uma opinião em monotonas hyperboles, que a facciosidade encerra nas fórmulas empathicas da sua propria idolatria.

Fel-o a revolução liberal, mas essa não trazia por si nem o direito, nem o amor do povo, nem as grandes expectativas de um animo honrado honesto e patriótico.

Vinha já corrupta, lançando cinzas sobre a phrase e flores sobre os odios; transformando em instrumento de crimes o sacerdocio da idea.

Sentio-se d'ella um vago ruido que sabia das cavernas, como o de uma derrocada longinqua. Vio-se a luz dos incendios, que pareceu a muitos um clarão do espirito humano e social. Fascinaram os esplendores de um ser vago e cambiante, de poderosos contagios, que impulsava ás alegrias e ás ridiculas frivolidades. Bateu agitado o pulso dos canibae, na febre delirante do praser. Laceraram-se gloriosos pergaminhos para se decretar em trazo uma nobreza de ouro, tão insolente como a revolução, e tão baixa como a rua.

As imagens da orgia e do sangue produziram-lhe no cerebro nma vibração nervosa, que só no crime se poderia moderar; e arrojou-se ás hecatombes, agitada por um fanatismo epyleptico.

Ao vel-a assim, este povo tremeu horrorisado! Quiz fugir-lhe mas era tarde!

Sabia que quando a um paiz se impõe um governo ou um systema, não se lhe outorga a lei, dá-se-lhe o direito de reagir contra ella.

Sabia que os odios implacaveis estabelecem o direito das imitações funestas; e que do excesso das tyrantias para o excesso das vinganças, váe muito apenas a distancia de um momento, em que se levanta o nivel da moralidade popular.

Então, toda a reacção resvalaria no escudo de paradoxos politicos e sociaes, que vegetavam nas massas avidas de innovações.

Hoje subsiste o nosso direito. D'elle vindes, Senhor, sem trazerdes como a revolução o cortejo das represalias e dos vandalismos.

A nossa Nemesis não se chama—vingança—chama-se—justiça—por que a vossa palavra não é de odios, é de reconciliações. Não vamos assediar as cidades para destruir com a violencia essa edificação de cincoenta annos. Ella de per si está desabando para nos deixar espaço ás novas construcções de um futuro mais prospero.

Tivemos o heroismo da resignação nos risos sempre fagueiros de uma esperança viva. E o momento chegou!

A palavra de rei é para todos uma garantia ás reivindicções legitimas; para nós não pôde ella ser um pretexto para usurpações, nem uma senha para attentados.

E para que? Se já ouvimos o tumulto das debandadas diante dos acommettimentos uniformes e tremendos da opinião, deixando ermo o campo inimigo?!

Nesse campo não haverá já que destruir. Ali só derrocadas e destroços!

O tempo é-nos precioso para edificar uma situação logica e honesta.

Que importa que o orgulho de um scepticismo applaudido nas crapulas, viva em desvanecido extasi deante da estatua da revolução, contemplando-a sob a influencia de um idealismo esthetico? Essas ufanias pretenciosas da bohemia esvaem-se entre as declamações de uma imprensa inergumena, e as machinações de clubs insensatos, como uma onda de fumo, que se espriguica nos braços do temporal.

Não nos sobram olhos para attender a essas absurdas philancias, que todos somos poucos para o trabalho de amanhã. A que-remos edificar necessitamos que nos preo-ocupem um pensamento mais efficaz; pois que o machinismo que constrõe não é o machinismo que destrõe. Aquelle não se move de persi, este basta deixal-o correr no plano inclinado da ruina. As creações politicas não são como as arvores, que uma vez plantadas pela mão do homem, crescem em quanto elle dorme. Já o disse Stuart Mill, esse grande democrata, que muito conhecia a sciencia das sociedades.

Fallou o Rei! Aquella voz não vem só a um partido, que a pedia, a este partido que se levanta para a escutar de pé.

Aquella voz é um pacto firmado á face da Europa como um compromisso das grandes alianças pelas conquistas da civilização futura. Aquella voz é uma affirmação solemne de que Portugal, collocado geographicamente na vantajosa posição que occupa, manterá pela sua independencia e pela sua honra, como vedeta da Peninsula, o equilibrio que convem á tranquillidade de outras nações, vigilante e zeloso entre o Oceano e os povos da raça latina. Levantadas nos paizes visinhos as monarchias do direito e das tradições sobre as ruinas da revolução, não pertencerá a Portugal desempenhar o ignobil papel de valhacouto de bandoleiros, tornando-se assim o germen de um receio permanente, e de um perigo real.

E portanto a voz do Rei um seguro garante ás esperanças que animam a legitimação em Hespanha e França.

E o curso dos acontecimentos externos ha-de comprovar que não é inutil aquella voz, levantada no ensejo opportuno de preparar e precaver.

Os assomos de ficticia incredulidade com que os partidarios mais acerrimos da revolução acolhem os actos do partido legitimista em Portugal, não teem nem uma significação politica, nem um valor ponderavel. São umas intermitencias de subversão e de ridiculo, que produz ou o riso que convulsa, ou uma commiserção que punge. Ou são divertidas excentricidades, ou lugubres truánices.

Fôra d'aquelle terreno, onde a sensatez, onde a reflexão amadurecida pela logica dos factos deixa discriminar distinctamente

FOLHETIM

A SANTA THEREZA DE JESUS

Astro do ceu, luz do mundo,
Tu és, ó grande Thereza;
És da graça maravilha,
Assombro da natureza.

Altos, profundos mysterios
O Senhor te revelou,
E do ceu luzes sob'ranas
Em tua alma derramou.

A tua sabedoria
Instrue da terra os povos,

E a antigos peccadores
Dá regras, preceitos novos.

Tu, inclita e illustre Santa,
A quem tanto Deus honrara,
Que em laço o mais apertado
Contigo amante se atara;

Tu, quem dos ceus um anjo,
O coração traspassando,
Deu tal amor e tal força,
Que viveste sempre amando;

Tu, a quem desde esse instante
Tam altos dons elevaram,
Que Thereza e Deus unidos
Desde então sempre ficaram;

Tu, que o Senhor escolhera
Quando aos homens quiz fallar,
Para fazer por tua bocca
Sua palavra soar;

Tu, que és do Monarcha eterno
Esposa digna e presada,
Volve lá do ceu teus olhos
A esta triste morada.

Vê que gemo e que suspiro,
Preso na culpa alégora;
Tem dó de mim, tem piedade,
Sendo minha protectora.

Sim, afugenta, illumina
Dó peccado a sombra escura;

Faze que a minh'alma ingrata
Se abrande e sinta ternura.

Das tentações que me cercam
Ajuda-me a triumphar;
Dá-me valor dá-me forças
Para meus ferros quebrar.

Da virtude enamorado,
Faz que eu lhe ame a belleza;
Que me assuste e me horrorize
Do crime a feia tarpeza.

E luctando sobre as ondas
D'este mar tempestuoso,
Sendo tu meu pharo e norte,
Chegue ao porto venturoso.

a indole e a inevitavel congreencia dos acontecimentos que se avizinham, ou existe o desanimo que leva a vacilar, ou um intimo impulso que conduz o espirito a abraçar o dever sacratissimo de todo o homem, que pulsa pela terra em que nasceu.

Estes veem que o momento se aproxima, e que não tendo nada a esperar das ficções liberaes da actualidade, nenhum conceito os força a agrihoar a consciencia e o coração a uns nomes sem prestigio, e a umas influencias decadentes, que ainda se ostentam com grutesca vaidade.

Não vivemos nos tempos em que Licurgo, confiado na Pithia de Delphos obrigava os Espartanos a prestar o juramento de guardar para sempre intacta a sua constituição.

Fallou o Rei! Aos homens são de todos os partidos offereço uma fraternal reconciliação. Só está reconciliação pôde fazer que não tenhamos mais que uma nação, em lugar d'estas nações multiplices, que se estrangulam mutuamente.

E que fazer? A França contemplativa sente palpitar de novo o coração da realza. Levanta-se austera aos insentivos do seu patriotismo, refugiando-se na monarchia tradicional, como em um alcazar, para se defender dos seus proprios aniquilamentos.

Erguido em todo o seu esplendor o throno de S. Luiz, não poderá tolerar a compressão que de um lado lhe produzem as machinações da Italia e as pretensões da Alemanha, e do outro a Hespanha, dominada pelas influencias a que a condemna a sua vida ruinosa.

Para alargar os braços carecerá a França de uma politica a qual possa estender mão amiga e fiel: Nem na Alemanha nem na Italia está certamente essa politica. Estará por ventura representada no throno bastardo de Affonso XII?

Não o cre por sem duvida Henrique V, acompanhando Carlos VII com a sua adhesão e conselho em todos os movimentos do partido legitimista hespanhol.

O triumpho da realza tradicional da França será portanto o primeiro acto do grande drama politico, que ha-de restabelecer a legitimidade anhelada por todas as nações onde a revolução a derribou.

A Messalina liberal teve ali seu berço. Com fel e bilis escreveu a sua lei em toda a superficie da Europa. Na face puida d'esse Codigo escreverá o sceptro de Henrique V a inscripção tumular da liberdade revolucionaria.

Esmagada a cabeça da vibora pelo calcanhar da França, não terá longa vitalidade o rabiar do reptil n'esta cantinho do continente.

O miopismo politico não carece de lente para ver distincões estes horisontes. Não obstante, o orgulho dos nossos modernos Scipioes promette rechazar Annibal quando elle estiver ás portas de Roma.

Confiantes na quadrupla, olvidam que ella terá então desaparecido sob a lousa sepulchral da revolução. Que lhes importa!! na balança europea bastará pesar o volumus jactancioso da fatuidade imbecil.

Insania petulante ou servilismo torpe de uma idealidade preversa e proterva, vasada sobre a alma para lhe apagar os escrupulos!

Os espiritos independentes não se illudem com os personagens, já conhecidos e julgados, de uma politica de palco, com seu estado e seu povo, vestidos de ouropel, presumindo um poder prodigioso, que se extingue com um sopro, como se extinguem as luzes da ribalta.

As illusões tiveram a sua idade de ouro. Passaram porém como um tufo, que varre a face da terra, e eleva até ás nuvens as insignificancias que encontra. Succede-se a bonança que as despenha, entregues á sua propria gravitação.

Falla o Rei! A palavra enérgica da houra não se confunde com as declamações vagas das consciencias indecisas. Os traços vivos do patriotismo, impressos no espirito bizarro de um rei, tem a magia de um leame inquebrantavel, que une e fortifica as francas dedicações.

Aquella palavra não é um grito de guerra, é um appello de salvação.

Homens de fé limpa e de crencas puras de todos os partidos;

O Rei vos chama!
Portuguezes! A patria espera e confia!

collega da *Lucta*. Vemos porém com prazer que o nosso presado collega da *Nação*, com a vantagem do seu esclarecido espirito, nos poupa á tarefa, publicando o excellente artigo que em seguida reproduzimos.

Á «LUCTA»

Este jornal, que vê a luz publica na segunda cidade do reino, tem ha tempos a esta parte patentiado nas suas columnas o incomodo que lhe vae n'alma pelas mostras de vida, que ultimamente tem dado o nobre partido legitimista.

Não lhe queremos mal por isso e até gostamos que as nossas manifestações precisem para ser amesquinhas, de ser combatidos em artigos de fundo e em numeros repetidos.

Já n'um dos nossos numeros passados respondemos a uma correspondencia de Lisboa para este jornal, reposta, que parece ter prodozido algum effeito, por isso que a correspondencia seguinte já vinha mansinha.

Depois appareceu no mesmo jornal uma correspondencia de Braga assignada por um tal *Viriato*, correspondencia que ficou sem resposta nossa, porque declarava que ia analysar o selebre artigo do sr. Bernardino de Senna Freitas, e por consequencia a resposta ficou em boas mãos.

Agora, porém, apparece no numero de sexta feira um artigo editorial, a que nos appressamos em responder, e que começa por este bello periodo:

«Os srs. miguelistas, verdadeiros sebastianistas do nosso tempo, exploram agora uma ideia notavelmente absurda em presenca de todos os elementos preponderantes na sociedade moderna.»

Sebastianistas nós?! Tem graça!

Sebastianistas vós, que esperaes melhora das vossas apregoadas reformas!

Sebastianistas vós, falsos apóstolos d'uma nunca vista regeneração!

Sebastianistas vós, que vendo morrer a vossa causa, forcejaes por illudir-vos a vós mesmo, suppondo-a cheia de vida!

Mas, enfim, sejamos sempre sebastianistas. Agradecemos-vos a classificação. Assim como em Alcaer-Quibir morria a autonomia da nossa patria para se tornar escrava de Castilla, em Evora-Monte perdiamos a liberdade para nos sujeitarmos ás bayonetas estrangeiras.

Lá perdemos D. Sebastião, aqui arrancaram-nos o Rei, mas Rei que teve descendencia, e é isso o que vós doez, porque vedes em seu filho um verdadeiro monarcha, digno d'um povo, que é digno d'elle.

E por que isso vos doez, e por que os progressistas o temem, e porque já um jornal republicano o anhelou para presidente da republica, atirae-vos com unhas e dentes aos primeiros, negando-lhes o titulo de liberaes, e fazei-vos cegos para nos chamardes visionarios.

E opinião unica! suppondes a republica franceza duravel por largos annos!

Talvez o não acrediteis, leitores, depois dos artigos dos jornaes liberaes, que nós aqui reproduzimos e commentámos, depois d'alguns outros artigos dos proprios jornaes regeneradores.

Mas é verdade. E não é só isso, supõem tambem impossivel a restauração do throno do conde de Chambord, quando estão vendendo. embora o neguem, a republica definhar-se a olhos vistos, Grévy querendo fugir, os orleanistas a dissolverem-se, e os bonapartistas a soccarem-se na sala Redoute e a accusarem Cassagnac, o unico sustentaculo d'um Napoleão pouco decente.

Mas, enfim, talvez os leitores duvidem, e por isso será melhor apresentar-lhes textualmente as palavras da *Lucta*.

Eil-as:

«Dou-lhes ensejo para isso uns artigos de folhas liberaes, que tendo proclamado venha o que vier, pozeram-se a fingir receios de que a republica franceza desabe e erga nas suas ruinas o throno do conde de Chambord!»

Um maldito erro typographico mudou o *deu-lhes* em *dou-lhes* e veiu restabelecer a verdade dos factos.

Porque, se os artigos dos jornaes progressistas nos vieram confirmar as considerações, que fizemos, e as esperanças, que temos; os artigos dos jornaes regeneradores, e principalmente este, a que vamos respondendo, vieram provar-nos que vos incommodaram as nossas manifestações de vida, embora nol-a negueis, porque o precisas fazer e assim vos convém.

Receio de que a republica franceza desabe, tendes vós todos. Não o negueis.

Não são só os taes do *venha o que vier*,

porque se vós os não tivesses, não vos incommodavam os artigos do *Primeiro de Janeiro* e do *Correio da Noite*, nem escrevieis artigos como esse, como um do *Diario Illustrado* e como outro do *Diario de Portugal*, a que responderemos em breve. Mas o artigo da *Lucta* é grande e nós não queremos deixar sem resposta periodo algum.

Continua, pois, o tal artigo:

«Os pobres visionarios não viram que as taes folhas liberaes, fazendo opposição ao governo por todos os modos e feitos, lembraram-se de atemorisar o povo com o phantasma miguelino, como por tantas vezes se teem lembrado de o assustar com o papão da republica.»

O papão da republica e o phantasma miguelino!

A primeira pedra vá aos republicanos, a segunda venha a nós.

Com que então já ao menos semos phantasma?

Já atemorisámos o povo?

Estae descansados que elle não se atemorisa conosco; de vós é que elle tem medo, a vós é que elle vos teme.

A vós, que lhe tendes roubado até o ultimo ceitil, a vós que lhe tendes sugado até á ultima pinga de sangue.

Perguntae-lhe quem mais teme! se o filho do Rei seu querido ou se isso que para ali está; se um governo popular, de conciliação e moralidade, ou se um governo, que lhe foi imposto, um governo partidario, um governo immoral?

Perguntae-lhe e transmitti-nos a reposta.

E depois de a possuides, depois de terdes posto de parte a paixão, que vos cega, interrogae a vossa consciencia e pedi-lhe que vos diga se deveras somos visionarios.

Visionarios sois vós e já dissêmos: o porque, visionarios sois vós que ainda tendes confiança no vosso governo, ainda julgaes que elle possa fazer alguma coisa capaz, elle, que em dez annos não fez senão explorar-nos, não fez senão comprometter-nos não fez senão pavorosas.

E são os homens das pavorosas que continuam assim:

«Os pobres visionarios não viram, que se trata de crear embaraços ao governo, enfraquecendo a confiança que o paiz tem n'elle, promovendo n'este a opinião de que contra republicos e migueliros só pode a familia da granja com os seus programas de partido e de governo.»

Já o governo teme os embaraços que lhe oppõem os progressistas?

Com que então um partido morto (como vós chamaes ao progressista) com a apresentação d'um phantasma ou d'um papão, atemorisa um governo forte, como esse que appoiaes?

Já um simples phantasma pode enfraquecer a confiança que o paiz tem no popular governo do sr. Fontes?

Essa agora é melhor!

Quereis negar a força e a vida a todos os partidos que não sejam o regenerador, e estae a cada passo confessando que não ha nenhum mais fraco, por fracos que sejam todos os outros.

Reparae melhor no que escrevestes, até porque n'esse periodo estão uns certos epithetos, muito em voga sim, mas pouco dignos de um jornal, que se preza de serio e delicado.

E d'aqui nós dizemos que não é só a granja que é impotente contra republicos e migueliros, mas são-n'o todos os partidos da nefasta obra de 34, que não pode resistir aos elementos preponderantes na sociedade moderna, por isso que o actual governo, filho d'ella, é absurdo, e o tempo dos governos representativos, como esse já passou.

E a proposito. não nos dirá o collega como é que a liberdade, a paz e a justiça, existiam no reinado dos reis absolutos?

Ao que parece, algumas testemunhas d'esse tempo teem-lhe contado cobras e largatos, por isso que diz:

«E n'esta cegueira, tristes, desatam a fazer cantatas, promettendo a verdadeira liberdade, a paz, a justiça, a união de toda a familia portugueza, como se não tiveramos ainda numerosas testemunhas vivas do modo porque tudo isso existia no reinado dos reis absolutos.»

Emquanto á cegueira dir-vos-hemos com um poeta nacional: — *é bem certo este dictado, ninguém vê a tranca nos seus olhos, para a ver nos dos outros.*

Quanto á tristeza, pedimo-vos que vos não incommodeis com ella.

Para que?

Porque havemos de estar tristes? Só se fór por vermos a desgraça do nosso paiz, e por não podermos fazer cantatas, que vos agradem.

Por aqui ficamos hoje, aguardando a resposta do collega, para então pouparmos trabalho, porque é de esperar que as contradicções, entre o segundo e este primeiro artigo, sejam mais e maiores, que as que ressaltam do artigo, a cuja primeira parte respondemos, guardando o resto para os numeros seguintes.

ESTÁ POR POUCO

Segundo diz o interessante cosrespondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*. Desappareceram todos os receios do partido liberal pelo triumpho da causa legitimista e nacional.

O notavel correspondente descobriu um seguro de vidas para a liberdade revolucionaria!

Eis como elle se expressa:

«Ainda existe, por exemplo, entre nós — e Deus o conserve ainda longos annos! — o sr. tabellião Scola, que estava com a alva dos condemnados já vestida, para ser enforcado por liberal, quando em 24 de julho de 1833 entrou em Lisboa a divisão do duque da terceira, que veio trazer a capital a liberdade e ao referido cavalheiro a salvação.

E enquanto taes memorias subsistirem no paiz não temos que arrear-nos de que a propaganda miguelista, por maiores doses do liberalismo e de tolerancia que misture na tisana do seu programa, encontre gargantas dispostas a engulir-a.»

Descançae pois os que já pedem sentinellas para a nossa porta, que a revolução está segura, em quanto viver o virtuoso varão, que esteve para ser enforcado por ser um anjo do senhor.

Ha porém uma triste circumstancia é que o tal cavalheiro Scola tem os seus bons 80 annos, e é provavel que elle não chegue á idade de Matuzalem.

São curiosos estes embofias da liberdade, que sopram valentias ao mesmo tempo que gritam aqui d'el-rei com um susto verdadeiramente pueril!

De sorte que em morrendo o sr. Tabellião Scola fica a liberdade só com a garantia do cospondente do *Primeiro de Janeiro*, e este no risco de engulir a tisana do nosso programma!

Bem se vê que o correspondente tem gula de pato. Depois de engulir a garantia do cavalheiro Scola, engulirá a nação.

Sempre a imprensa liberal tem uns correspondentes...

O do *Primeiro de Janeiro* corre parellias com o Pitapolho da *Lucta*!

Se são usos santos os que vão á forca, veremos ainda beatificados por estes correspondentes os estudantes de Coimbra que covardemente assassiaram os seus proprios lentes, e o Diogo Alves que o santo governo liberal deixou morrer enforcado por sua conta e risco.

Não nos dirá o correspondente do *Primeiro de Janeiro* se foi o sr. D. Miguel de Bragança que nomeou os carrascos que vieram a enforcar Scolas até 1846?

Se o governo tradicional é a forca, por que conservou o governo liberal aquella tradição, que ficou sendo commum ás duas épocas?

Parece que quando cahiu o antigo systema de governo deante dos santos libertadores, deveria ter cahido a forca, se á liberdade repugnava aquella machina de fazer santos Scolas.

Não foi porém assim; e o governo liberal esteve até 1846 agarrado com grande amor ao governo tradicional chamado forca.

São uns alhos estes Catões da imprensa! Em politica são todos Pimpolhos, em historia são todos uns pandegos!

CORRESPONDENCIA

Villa Verde. 11 de Outubro de 1882

(Do nosso correspondente)

Pergunto ás vezes a mim mesmo, — e um dia o perguntarei tambem ao illustre chronista do *Constituinte* —, o que pretendemos nós do Pimentel, escrivão da câmara, e mesmo desta, para gastarmos tempo, papel e tinta com as nossas *arreluas*?

Quanto a mim acho que tudo é perdido, como boa cera com ruins defunctos, e que bradamos no deserto!

Trôco

Tencionavamos levantar a luva que ao partido legitimista atirou ha dias o nosso

A ser verdadeiro o conciliabulo da *Excel-sa*,—de que o illustre chronista nos dá noticia na sua correspondencia de 29 de setembro passado,—espere-lhe os bons resultados, e espere-lhe os do povo d'este malfadado concelho, que não de chegar, ao mesmo tempo que o estadista Fontes houver morto as dividas, em que o paiz verdadeiramente *fluctua*.

Villa Verde está sendo topographicamente uma ilha do oceano das comedellas, cercada de restingas, e de perigosissimos escolhos, batida por correntes incertas de cobiza e d'inveja, e onde o nauta mais experimentado só encontra abysmos e perigos!

Aqui para de pouco serve a bussola da probidade e da honradez; que não faltam jacarés, crocodilos e hypopotamos, que trincam aquellos substantivos, com a facilidade digestiva com que engolem o dinheiro do povo.

E, note-se, que não ha respeito por ninguém que não lisongeie os devassos, esteja elle na mais subida, ou na mais baixa esphera, como é da historia deste povo singular.

É de ha poucos tempos o facto d'um juiz honestissimo morrer de desgostos, pelas infamias com que o aggrederam, e com que meia duzia de maltrapilhos ennodou todo um concelho!

E esses homens vivem e medram, e não ha remorso que os esmague, como não ha desprezo que os fulmine, porque a respeito de consciencias e de dignidade... Aqui d'El-Rei...

Se algum se propozesse investigar em todos os sentidos a decadencia d'este povo, e lhe percorresse os teclados, fugiria horrorisado ás primeiras notas soltas, aos primeiros gemidos d'este realejo desconjunctado!

Apenas faltava, para pôr escriptos em todos os predios, uma camara de *socos*, e um escriptorio de botas de *polimento*!...

D'antes, quando Antonio Maria dizia modestamente que era o tinteiro da Camara,—mas que era mais alguma coisa, e sobretudo um homem de fino,—as coisas da camara não caminhavam como hoje, e não havia a desordem e o desconchavo por norma para todos os actos!

Hoje é outro cantar: e todo o concelho dança o *triste fado das derramas*, até que se lhe lha d'acabar as forças, e cair tudo na ultima pirueta, aos descantes da bandurra do *Ladrão do negro melro*...

É um gosto para o chronista, á hora do descanso dos operarios do *Casarão*, ir assentar-se n'um banco de carpinteiro, e ouvir os dialogos, que entre elles se travam, por entre a codea dura do pão de milho, e a fructa podre, que lhe fornece a Mealata ou o Roriz.

Ouçamos um pouquinho, que foi perdido pelo Coutinho, para cor local dos seus *folhetins originaes*...

—Oh! Zé!—quando casará o nosso escriptura da Camara?...—perguntava um official de carpinteiro, com modo chocarreiro e impertinente, indolentemente estirado n'um monte de fitas, e sacudindo as pevides de uma melancia choca.

—Porque perguntas isso?—torna-lhe o outro, que descascava umas maçãs rejeitadas pela Maria Thereza moleira para o pouco de ceva.

—É cá por coisas e tal et cetera,—disse aquelle com fino sorriso de malicia, e accentuando o latinorio das ultimas palavras n'uma desmesurada ferradella na desbotada melancia.

—Leve-me o diabo se te entendo,—volta-lhe o Zé, já meio compromettido, por não ter penetrado no sentido occultamente zombeteiro, por que o outro lhe fizera a pergunta emygnatica.

—Eu te digo, e a vós tambem,—decide-se a dizer o malicioso, que se levantou das fitas, atirando dois grandes punhados de cascas ruidãs até á epiderme pelas janellas do futuro tribunal.

—Eu vol-o digo,—repetio elle—chamando o Zé, e os outros companheiros, ao desvão d'uma janella, onde se formou um grupo curioso de camisas d'estopa, de pés descalços, e de rostos pandegos.

—Eu vol-o digo; mas vós... segredo!...

—Ora!—disseram todos em côro, e protestando contra os ares de duvida que o outro mostrava, como indicador da mão direita apuradão na ponta do nariz.

—É que acoisá compromette... mas... emfim... vocês não dizem nada.—costou elle, ao ver as fisionomias decididamente amigas dos companheiros.

—Vá lá, eu vos conto.

Fez-se um grande silencio, e o narrador limpando á manga da camisa as suissas

orvalhadas do summo do aquoso fructo, assim principiou:

—Vós visteis hoje que o nosso escriptura da camara me mandou chamar, e que levasse martello e ponteiro para fazer uma obra?—Pois, assim foi, e mal sabeis o meu susto, quando foi dar com elle pallido de cabelo desgrehado, e c'o aquellas barbas estacadas como sedas de porco bravo! O *home* estava escamado como uma barata, e cuidava d'estalar as taboas do soalho da camara c'os endemoninhados dos tações! Aproximei-me d'elle timidamente, e perguntei-lhe o que me queria. Elle abre uns grandes olhos, mede-me d'alto abaixo, e vendo que eu levava na mão a ferramenta, ordena-me que arranque todas as taboas que tivessem... galhos!

—Eu, ao principio, nem entendia a ordem; e comecei de temer que o pouco juizinho que todos lhe conhecemos o tivesse abandonado. Estive para dar ás de Villa Diogo, e gritar aqui d'El-Rei!—Depois, attentei bem n'elle, e perguntei-lhe se aquillo era serio.

—Caramba!—que esteve a ponto de tirar-me os olhos, com quatro arremetidas,—gritando por tal forma contra os galhos, que nem homem em lua de mel, contra *similhanças*, que a perdida esposa houvesse trazido ao thalamo conjugal...

—Quem te manda ser tólo, e contradizer cá o sr. *doitor*?—disse eu com migo mesmo: elle manda, tu obedeces, e o povo que pague...

—A sangria é para todos nós; mas vamos adiante... nós nos disforraremos... e não valle a pena fazer questões... Atreime, por tanto, ás taboas condemnadas como *golhentás* pelo desalmado tação do nosso *doitor*, e ia tudo de for em fora, quando acode o Zacharias, e mostre ao *home* que até o pinho de Riga tinha galhos, salvo seja, e que se não devia tamanha crueldade para com o sobradinho.

—Houve lucta, ainda assim; mas acalmou-se em presença dos galhos de Riga, e tudo acabou, Deus louvado, pela reinte-gração das taboas levantadas, que eu tornei a assentar ás vistas do *doitor* que se mostrava vencido pelo direito do *galho*, direito que a té o doutor Suizzo pôz á evidencia no julgamento do Mirólho...

—Bravo! viva o galho!—proromperam todos em risadas, ao passo que o martello soava as pancadas do estylo, chamando-os a todos ao trabalho, e dando por finda a sêta.

O Zé é que ainda ficou lá com suas *aquellas* pela pergunta do outro—quando se casa o nosso escriptura?...—e que elle não soube explicar, por não lhe achar ligação alguma com a birra d'elle pelos galhos... sendo ainda *sollheiro*...

—Eu tambem o não posso explicar pela mesmíssima razão; mas hei de perguntar-lho para a seguinte.

NOTICIARIO

O gremio legitimista.—No dia 12 do corrente reuniu-se a commissão instaladora do gremio legitimista d'esta cidade—para dar principio aos seus trabalhos.

Tomou a presidencia o Ex.^{mo} sr. Miguel Alpoim, e occupando os secretarios os seus respectivos lugares.

Depois de lida a acta da sessão d'instalação, e sendo a mesma approvada por unanimidade, procedeu-se á leitura do expediente, e nomeou-se uma commissão para dar principio aos trabalhos da organisação dos estatutos e do mais preciso para legalmente funcionar.

O entusiasmo é grande, e todos á porfia se encarregaram de elevar o gremio, em pouco tempo, a uma das maiores e mais importantes associações do Minho. Avante mocidade legitimista!

As Constituintes.—Por estarem muito adeantados os trabalhos typographicos do nosso numero de hoje, não podemos responder ao artigo com que nos honrou aquelle nosso distincto collega em seu numero de quarta feira ultima. Dando-lhe esta satisfação de cortezia, promettemos não deixar de o fazer no proximo numero.

Tem graça.—Mestre Gasparinho da *Lucta* declara, que apresentou o perfeito (genuino, quer elle dizer) londrino (queijo, com certeza) de braço com umas lours miss... bem *acodicionadas*; (isto é, manteigas) pelas espaçosas campinas, e não pelos espaços infinitos.

Tambem era o que nos faltava ver, o queijo a viajar tambem, com a manteiga,

pelos espaços infinitos, em lugar de viajar pelo canal digestivo.

E a todas estas sandices chama mestre Gasparinho defeitos caligraphicos de... Viriato, talvez!

Que dirá a estes rasgos de eloquencia o discipulo pimpolho?



A morte acaba de arrebatar-nos um dos nossos mais queridos e mais presentes correligionarios.

Na sua casa da Regua falleceu ha poucos dias o exm.^o sr. José Vaz de Lemos Seixas Castello Branco, filho dos snrs. Viscondes do Real Agrado.

As virtudes que exornavam o caracter nobilissimo do finado contam-se em cada acto da sua vida publica e particular como cidadão, como politico, como amigo e como chefe de familia.

Enviando as expressões do nosso profundo sentimento a seu digno irmão e nosso amigo o exm.^o sr. João de Lemos Seixas Castello Branco, enviamol-as igualmente ao nosso redactor principal, o sr. Bernardino J. de Senna Freitas, que pelos laços da amizade e do parentesco tão viva parte toma no lucto que hoje entristece a illustre familia do fallecido.

O Amigo do Povo.—Este nosso bom collega tambem choromanga e faz suas *considerações* a respeito do renascimento e es-pantoso desenvolvimento que se vê no norte e grande partido legitimista, que é a Nação.

Não chore collega, pois, não sabe que a legitimidade tem uma base solida e segura em que se firma, embora de quando em quando a revolução ouse querer apeal-a do seu secular pedestal?—Não sabe que a revolução não passa de uma nuvem negra que momentaneamente eclipsou o sol brilhante que illumina toda esta grandeza a que chamamos mundo, obra creada pela mão de Deus?

Não se afflija collega: tudo tem os seus dias contados, e a revolução está agonisante e já se bate em retirada.

Satanaz nenhum poder tem contra Deus. Estamos no mesmo caso,—é por isso, um periodo de 50 annos é bastante para o demónio ter figurado. Ainda achaes pouco?

Não tendes a barriga bem cheia com os bens dos conventos, que vos foram dados, em recompensa dos *feitos gloriosos* de uma geração de rapinas!

Descançae!—mas estae certos que se aproxima a hora da redempção.

A Igreja de S. João do Souto.—Temos, com pezar, presenciado quasi sempre fechada a igreja d'esta importante parochia, uma das mais populosas d'esta cidade—porque, depois que o seu reverendo parochio diz a missa da manhã, (8 horas) fecha-se logo em seguida. Sabemos que alguns ecclesiasticos tem querido ali celebrar o Santo sacrificio da missa, e alguns fieis orar ao Todo-Poderoso; mas, a porta está sempre a trancas, como qualquer capelinha da aldeia.

Alguem atribue semelhante facto ao *sacrista conselheiro nato* do muito reverendo abbade, e até se diz, que foi vedada a entrada a um ecclesiastico que quotidianamente ali dizia a missa d'alva.

Isto não se commenta! porque, uma parochia, como a de S. João do Souto, que tem varias confrarias, e as mezas administradoras no seu goso e pleno direito de comparecerem n'aquelle templo a toda a hora do dia para bem dirigir, administrar e zelar os interesses d'essas corporações, não podem encontrar sempre vedada a entrada como acontece; e, quando ha negocio urgente, tem de se dirigir á casa do *sacrista* para lhe implorar as chaves da igreja! Isto é vergonhoso, e demanda prompta reparação—conservando se a igreja aberta até ao sol posto—fechando-se só desde o meio até ás 2 horas da tarde.

Esperamos que o reverendo abbade dê as providencias necessarias acabando-se com semelhante abuso.

Noticias de França.—É datada de 30 de Setembro a carta que vamos ter o gosto de traduzir em seguida:

«Celebraram-se hontem em Pariz e em numerosas cidades das provincias Missas solemnizando o anniversario natalicio do Conde de Chambord. Grande numero de devotos assistiram a estes actos religiosos, rogando a Deus para que o nosso malfadado paiz obtenha em breve a paz, a prosperidade e a honra sob a egide propicia da monarchia.

A nave da antiga Igreja de S. Germano estava cheia de uma piedosa multidão: parecia ler-se no rosto e no recolhimento dos fieis o ardor de suas orações para que Deus tenha piedade da França.

Ali estavam muitas pessoas importantes a todos os respeitos, e representantes da imprensa conservadora.

Celebraram-se tambem segundo o costume banquetes em honra de Henrique V.

Na Sala do gymnasio Pascaud reuniram-se 300 monarchicos sob a presidencia do Marquez de Beaucourt. Na frente da sala via-se o busto do conde de Chambord rodeado de flores de lis, debaixo de um docel formado por pavilhões a branco e ouro e um cortinado azul tambem salpicado de flores de lis.

Aos postres, o presidente, recordando o texto das declarações e as promessas feitas em suas cartas pelo Conde de Chambord, pronunciou um eloquente discurso em ordem a demonstrar a necessidade de que a França saia da republica que a asfixia.

A monarchia, disse, comprehende as verdadeiras necessidades da época e porá as liberdades publicas sob a salvaguarda de um principio incontestavel.

O discurso, cheio de enthusiasmo e de confiança foi saudado com *vivas* ao Rei.

O Conde de Rouge, que se seguiu ao presidente no uso de palavra, fustigou as disposições republicanas, e exclamou:

«A divida publica tem augmentado em 6 annos consideravelmente; e o que nos tem dado em compensação o governo? A instrução laica, que era recusada pelos corações, e que custa cara ao paiz? Comparai a situação actual com a de ha um seculo para mostrar que a França diminuiu em população relativamente ás outras nações, e decabio em importancia industrial»

Todos os concorrentes assignaram a seguinte mensagem ao Conde de Chambord: «Senhor.

«A França, como não desamparada voga ao acaso esperando o piloto que a livre de todos os escolhos e que a conduza ao porto.

«Este piloto que busca incerta é o Rei. «Este porto de salvação a que aspira é a monarchia tradicional.

«Não vem longe o dia em que todos reconhecem que sómente ali está a salvação, e que sem a monarchia não a haverá para a França.

«Invocamos com nossos votos está hora em que os corações estejam unanimes e de todos os peitos saia o mesmo grito salvador.

«Hoje damos este grito com a energia das nossas convicções, com a invencivel esperanza de melhor porvir, para que a França o oia e aprenda a conhecer e amar a quem está prestes a sacrificar-se por ella com a divisa: *Tudo para a França e pela França*.

«Viva o Rei!»

«Com estes sentimentos depositamos aos pés do throno respeitosa e homenagem de nossos votos, de nossa invariavel fidelidade e de nosso inteiro affecto.»

A legitimidade em França.—Uma folha liberal de Pariz refere-se cheia de asombro aos banquetes legitimistas celebrados no dia 19 de Setembro em honra do Sr. Conde de Chambord.

Diz a mesma folha que se calcula em mais de cessenta mil o numero dos assistentes aos banquetes. E acrescenta: «é esta uma força que não é para despresar.»

Conta igualmente aquella folha que com grande surpresa das autoridades e do povo appareceu n'aquelle dia arvorada a *bandeira branca* bordada de flores de lis, sobre o Palacio da Perfeitura. Ignora-se que mão occulta ali collocou aquelle symbolo da legitimidade franceza.

Carlismo.—Está definitivamente em caminho da mais ampla organisação o partido carlista. Carlos VII acaba de confirmar a nomeação do sr. D. Candido Nocedal para chefe do seu partido e seu logar tenente, dando-lhe as mais completas instrucções sobre a marcha politica que devem seguir os legitimistas hespanhoes.

Algumas folhas liberaes moderadas fallam com certa sympathia do sr. Nocedal,

attribuindo-lhe um espirito altamente conciliador, grande patriotismo e profunda reflexão.

Que desapontamento.—As nossas formosas Catharinas ficaram zangadas, quando ouviram fallar das *bellezas* d'assassina, mulher do infeliz Affonso, de Rendufe; porém, depois de ser apreciada a lindeza da bicha no Commissariado de policia d'esta cidade, ficaram satisfeitas, e exclamaram:

Oh! como estes basbaças são tolos; não vêem aquelle nariz arribitado, a testa rugada, os olhos estacados e as ancas levantadas? Que Gasparinhos são estes homesinhos.

Até madame modista disse: como eu sou formosa á vista d'esta fera? . . . Irra.

Que crentes!—Os *liberalengas*, que na sua maior parte mofam de tudo quanto cheira á religião, escarnecendo publicamente dos seus dogmas e dos seus ministros, teem, á tempos a esta parte, adoptado o *systema* de mandarem dizer missas pelos *mortos* sufragando-lhes assim as suas *obras meritorias* e de que tantos exemplos deixaram rasto e deram exuberantes provas n'este mundo l. . . .

Nós, só admiramos tão boas almas, comparando esta *beatice* a uma especie de revista de patronas no destacamento *libaré* e nada mais.

Esta é que é a verdade.

Quem vos conhecer. . . sois umas pegas! . . .

Reaes visitas.—No dia 29 do mez findo, dia em que o partido legitimista francez celebrava o anniversario natalicio de Henrique V, foi o rei de França visitado pelos reis da Dinamarca, pela rainha viuva de Hannover e sua filha, e archiduques, e por outros membros das familias reinantes.

O partido novo.—A mocidade legitimista do Minho, abraçou com nm enthusiasmo dilirante a ideia do gremio legitimista, e de todas as partes chegam adhesões de muitos legitimistas que dormião o somno da indifferença. Desenganem-se, a lagitimidade está no coração do nosso povo. Por Deus e pela Patria legitimistas!

Houzas fúnebres.—Foram importantes as que se fizeram em Bearritz á virtuosa duqueza de Parma.

Foi celebrante o Bispo de Bayonne. Grande numero de pessoas da primeira nobreza da Europa assistiram áquella solemnidade pessoalmente ou por seus representantes. Sua Santidade enviou á familia da finada duqueza os seus pesames e a benção apostolica em um telegrama firmado pelo Cardeal Jacobetti.

O cadaver nos dois dias em que esteve exposto na casa em que falleceu a princeza Pia, foi visitado por mais de 100.000 pessoas.

Entre as pessoas que assignaram a acta do enterramento figura o nosso compatriota o sr. D. Jaime de Mello, filho do sr. Duque de Cadaval.

Os Orleanistas.—Uma carta particular escripta de Pariz por pessoa que nos merece a maior consideração, diz o seguinte, que fielmente traduzimos.

«Correm insistentemente boatos de que o Conde de Pariz convoca os seus amigos para de accordo com elles abdicar em favor do Sr. Conde de Chambord todos os seus direitos ao throno da França. Parece que o fim d'este importante passo é auxiliar o triumpho da legitimidade, reconciliando os partidos monarchicos, e preparar a successão de Henrique V na pessoa do joven Luiz Philippe de Orleans.»

Ainda que o illustre signatario d'esta carta nos dá como simples boato esta noticia, não vemos que ella deixe de ter algum fundamento, attendendo-se a que este pensamento do partido orleanista teve já uma existencia real, quando a França republicana solicitou do Sr. Conde de Chambord a acceitação da corôa.

O que podem se deduz evidentemente d'estes boatos é que a França de dia a dia se dispõe mais ao restabelecimento da monarchia legitima.

Os agricultores.—Lemos em uma folha estrangeira o seguinte.

«O Duque de Broglie pronunciou em Thiberville, na occasião de um banquete agricola um eloquente discurso, exaltando as virtudes e honradez dos agricultores. O orador fez notar que esta honradez, superior á da classe dos operarios fabris (na maior parte) é devida a que n'aquelle cultivo se manifesta a acção providencial mais claramente de que nos outros, e que a necessidade de attender ao Céu visível e esperar o seu concurso eleva a mente e o coração do agricola até ao Céu invisível, onde existe o Poder Supremo que regula o concurso das forças humanas e das esta-

ções, e como um rocio bemfeitor espalha a prosperidade nas nações e a fecundidade nos campos.»

A Fera de Rendufe.—Como os nossos leitores sabem, chegou a esta cidade no comboio do correio de 2.^a feira a *heroína* Maria Gomes e sua filha Roza Affonso, sendo em seguida conduzidas em carro fechado, para o Commissariado de policia, no meio dos maiores apupos, gritaria, morras e pedradas.

Nos interrogatorios:

Declarou que não era verdade o que tinha dito em Lisboa a respeito do assassinato. Que não fora ella, mas o official de diligencias da comarca de Amares, Francisco de Araujo, com quem entretinha relações amorosas, quem matára seu marido na tarde do dia 29 de Agosto. Que n'um quarto, um pouco mais afastado do centro da casa, e onde costumava receber aquelle Araujo, que entrava por uma porta que communicava directamente para rua, se encontrára seu marido com elle, e que n'essa occasião ali a esperava; que apoz uma luta entre ambos, Custodio Affonso, que n'esse dia estava um pouco embriagado, cahiu morto ás mãos de Araujo; que quando ella chegou era seu marido um cadaver. Assustou-se então muito; quiz gritar mas Araujo não deixou; socegou-a, dizendo-lhe, que tudo se havia de arranjar. Na noite seguinte Araujo entrando lá, pela mesma porta do costume, foi enterrar o cadaver no quintal, sem que ella tomasse parte alguma em todas aquellas scenas.

Instada disse: que o assassinato fora premeditado e combinado entre ella e Araujo; que ao principio reagiu, depois cedeu ás suggestões do amante e aos conselhos d'uma medianeira a *Rôza Vendeira* que se acha tambem preza.

Araujo prometeu-lhe que casava com ella, logo que estivesse viuvo.

Custodio Affonso costumava dormir todas as tardes; escolheram a do dia 29 de agosto para praticarem o ajustado assassinato.

Depois de Maria Gomes se certificar que elle estava bem prezo no somno, dirigiu-se com o Araujo ao leito onde seu marido dormia, e ali deitou-lhe com força a mão á região publica, em quanto que aquelle lhe apertava a garganta e lhe descarregava com violencia algumas pancadas na cabeça com um mascoto de pau. A morte foi instantanea.

Levaram depois o cadaver para uma especie de agua-furtada, que ficava por cima do quarto de dormir, cobriram-o com uma pouca de palha, e na noite seguinte, quarta-feira 30 de agosto, o levaram para o quintal onde com uma picareta e uma enxada fizeram a cova em que o enterraram.

As declarações da filha pouca luz deram ao processo.

Mãe e filha foram para a cadeia d'Amares na terça-feira de madrugada n'uma carruagem e acompanhadas por policia civil.

Nos interrogatorios ali feitos pela justiça e acariada com o seu amante Araujo, tem-se dado peripecias engraçadas—ella afirma que, este foi o principal motor da morte de seu marido, sustentando as declarações feitas no Commissariado, e Araujo nega tudo, dizendo que está innocente, e que Maria Gomes o quer perder e desgraçar! . . .

Por enquanto nada mais podemos adiantar e esperamos que para o n.º seguinte, o nosso correspondente nos porá ao facto de tudo quanto se passar em Amares.

Jesus Sacramentado.—É este o titulo de uma importante obra religiosa, e de que acabamos de receber o 1.º volume. Depois, de fazermos sobre a sua leitura as mais breves reflexões, conhecemos o grande alcance da sua publicação no seculo presente, em que o materialismo pretende subtrahir tudo, para coarctar ao coração do crente a sua joia mais riquissima—Jesus Sacramentado.

Recommendamos a sua leitura e agradecemos a offerta de tão bom livro, obra primorosa e devida aos muitos conhecimentos do Sr. D. Fernando da Cruz, conego regular de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra.

Vende-se na livraria do sr. João E. da Cruz Coutinho—conhecido editor—Rua do Almada 12 a 16—Porto.

Folheto.—No logar competente vae um annuncio de um pequeno folheto do sr. P.º Amado, com o titulo de «Heroismo da joven e illustre sr.ª portugueza D. Isabel Juliana de Souza» é um excellente folheto que recommendamos aos nossos leitores, pelo assumpto de que trata e pela modicidade do preço.

Collegio de sant'Anna.—Este florescente collegio, estabelecido no campo de Sant'Anna n.º 19, dirigido por D. Amelia Amado, é um dos que mais se recomenda n'esta cidade, pela sua bóa collocação, e exímio pessoal de professoras, para a completa educação de meninas.

Recommendamol-o a todos os chefes de familia, certos do que bendirão o nosso sincero reclame.

ANNUNCIOS

Arrematação

Pelo juizo de direito da comarca de Braga, e cartorio do escrivão abaixo assignado, no dia 22 do corrente, pelas dez horas da manhã, á porta do tribunal judicial, sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, tem de proceder-se á venda em hasta publica, o seguinte: Uma velha meia commoda de cerigeira, no valor de mil e dozentos reis. Dois velhos canapés de cerigeira, no valor de dous mil e quatro centos reis. Um oratorio contendo diversos Santos, no valor de treze mil e quinhentos reis. Quatro cadeiras de cerigeira, no valor de mil e dozentos reis. O usufructo de uma morada de casas de um andar com seu pequeno quintal, na rua de S. Victor, com o numero policial de setenta e tres e setenta e tres A, de praso a Manoel José Velloso, com o fóro annual de mil reis e laudemio da quarentena, avaliado o usufructo em quatro centos setenta e sete mil sete centos e cincoenta reis, tudo penhorado a João Baptista Pereira, da dita rua, na execução que lhe promove Manoel José de Abreu, d'esta dita cidade, para cujo caso se passaram editaes e por elles citados os credores incertos, para os fins designados nas leis novissimas em vigor. Braga 9 de Outubro de 1882.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

Veifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(79)

VIDA HISTORICA

DO CARREJÃO

THIAGO FIUZA

DA CIDADE DE BRAGA

POR

EVARISTO ALBINO DE BARROS

Acha-se em assignatura e brevemente em via de publicação este estimavel livro, sendo recommendavel pelos muitos e curtos successos, que tiveram lugar desde 1787 até 1867.

Preço por assignatura 300 rs.

Avulso 360 rs.

Assigna-se na Typographia Lealdade—Rua de Jano n.º 1, e no estabelecimento de José Ferreira de Carvalho, Rua do Souto n.º 48—Braga.

Novo horario

Antonio do Couto, da Cidade de Guimarães, faz publico, que a sua diligencia diaria, que sae de Braga da casa do sr. Ribeiro Braga, em direitura a Guimarães e Basto, ás quatro horas da manhã; fica a sahir desde hoje em diante ás quatro horas e meia. Braga 6 de Outubro de 1882.—Pelo annunciante—Ribeiro Braga.—Visto—Vereador Fiscal—Ribeiro.

(78)

HEROISMO

Da joven e illustre Senhora Portugueza

D. ISABEL JULIANA DE SOUZA

ou

O MARQUEZ E MARQUEZA DE POMBAL

Humilhados, condecorados e vencidos

Publicação de dois manuscritos, e observações sobre os mesmos, pelo P.º José de Souza Amado.

Vende-se em Lisboa nas principaes livrarias. Preço 100 rs.. Envia-se franco de porte a quem remetter esta quantia em estampilhas de 25 rs., ao snr. P.º Miguel Ferreira de Mattos, rua de Alcantara n.º 84, 2.º—Lisboa.

ATENÇÃO

NARCISO RAMOS DE BARROS PEREIRA

RUA DE S. VICENTE N.º 67, BRAGA

Recebeu directamente do Rio Grande do Sul, uma grande porção de carne secca de superior qualidade, a qual vende por 360 reis o killo; assim como herva Matte que vende por igual preço e farinha Saruy.

(80)

SANTA THERESA DE JESUS

Vende-se uma imagem d'esta santa, que mede 80 centímetros d'altura fóra a base, é de primorosa esculptura, e encarnação.

Trata-se na rua dos Chãos n.º 27 C.

(74)

Alfaiate

Joaquim Maria da Silva, mudou da Rua da Sé, para a de Jano n.º 16 e espera a concorrência dos seus amigos e freguezes. Trabalha pelos ultimos figurinos.

(76)

Baptisados

Na confeitaria Bracarense, rua de S. João, nos baixos da casa do Passadiço, tomam-se encomendas de doce, fiambre, queijo, vinhos finos e excellente vinho verde para meza: esta casa encarrega-se de fornecer todo o serviço de mesa e creados tudo com acção e limpeza.

(75)

Photographia Bracarense

RUA DA BOA-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.ºs Snrs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em acção como em limpeza, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

Precisa-se de um rapaz que saiba ler e escrever de 12 a 14 annos.

Pode-se dirigir a esta Redacção qualquer pertendente.

Typ. Lealdade—Rua de Jano n.º 1